

#40 Sutra do Diamante - Não Identidade

– RI 2020

Lama Padma Samten

< Bacupari, 22/08 a 30/08 >

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #40

Revisão: Mônica Kaseker (25/07/2023)

Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.

Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo e-mail repositorio.transcricoes@gmail.com.

Sutra do Diamante (continuação)

Não Identidade

O primeiro dos 6 paramitas, o paramita da generosidade. Eu queria fazer um breve comentário sobre este paramita.

Quando nós concluímos esta parte, faltou trazer uma ênfase para o aspecto de como podemos percorrer este caminho. Porque é um pouco paradoxal, mas se entendermos isto, é melhor. O aspecto paradoxal é o fato de que quando seguimos este processo pode parecer que há alguém ali que vai se beneficiar em algum momento, no caso nós mesmos, seguindo o caminho. Mas, se entendermos este ensinamento, então compreenderemos que não há alguém que vai efetivamente se beneficiar nisso. Não há um eu, nós vamos ultrapassar essa noção da identidade. Isto é, efetivamente, o resultado. Então é importante entender este aspecto.

Em uma perspectiva ampla, este fato de que não há um eu, ele brota de uma posição primordial, ou seja: nós olhamos as experiências todas, incluindo a experiência da própria identidade, da própria existência desde um ponto não condicionado. Não referenciado a elementos construídos. Isso vai produzir o que é chamado de Sabedoria Primordial. Essa Sabedoria Primordial termina por dissipar a solidez da experiência de um eu, de uma identidade. Sem, no entanto, trazer uma ausência de manifestação.

Há uma presença incessante, mais adiante descrita como a não dualidade ou a grande vacuidade, junto com todas as características primordiais que estão presentes. Mas a compreensão da ausência de uma identidade brota diretamente desse aspecto primordial. Ela não é, por exemplo, uma informação que temos. Esta informação é algo realmente que não tem poder, mas a compreensão, a clareza quanto a isso, brota da natureza primordial. Uma compreensão no sentido externo como se fosse uma informação, na verdade é ouvida pela mente condicionada, que está dentro de uma bolha de realidade. Esta informação termina se transformando em uma referência, uma citação guardada em uma prateleira, dentro da grande bolha.

Mas, na medida em que temos a capacidade de reconhecer a ausência de identidades na relação com todas as coisas, como descrita aqui, através dessa primeira das seis perfeições, na forma como o Buda descreve, nós temos essa compreensão e ela vem do aspecto primordial. Então o aspecto mais importante não é propriamente a

compreensão em si. A compreensão é um sintoma desse lugar. O ensinamento central é acessar esse lugar. Desse lugar brotam naturalmente todas as compreensões que o Buda termina por apresentar no Sutra inteiro, nos Sutras todos. Todos os ensinamentos dele brotam desse lugar.

Este é o ponto principal. E este lugar não é uma característica de uma identidade. Ele não consegue ser estabelecido como uma identidade. Na verdade, este lugar termina por gerar as múltiplas aparências. Mas ele mesmo não chega a ser uma aparência. Se ele for uma aparência, ele tem o que ele é e o que ele não é. Ele tem características construídas. Havendo características construídas, toda a compreensão que brota a partir de estruturas construídas é referida, é limitada a essas próprias características construídas. Enquanto que o aspecto primordial é completamente livre. Ele vê cada uma das manifestações na perspectiva da própria base que dá origem a estas manifestações.

Eu considero muito importante esse aspecto, porque ele dá uma liberação imediata da necessidade de nós nos ajustarmos ou procurarmos nos ajustar a alguma coisa. De nós aspirarmos chegar a nos transformar em alguma identidade específica, o que de modo geral nós somos sempre compelidos, empurrados pela própria experiência das bolhas. O próprio processo educacional, ao qual nós estamos submetidos, desde o nosso nascimento, procura sempre nos configurar de algum modo, nos retirar de algum jeito do que estamos manifestando e introduzir um outro que deveríamos ser.

O caminho espiritual, eventualmente, também é um sucessor desse processo e podemos ter isso internalizado em nós. Através do caminho espiritual, nós podemos pensar que deveríamos deixar de ser alguma coisa e nos transformar em uma outra. E isso seria, enfim, o caminho. Mas não é. É super importante entendermos que, ainda que os Bodisatvas Mahasattvas sejam capazes da compreensão, enfim não há Bodisatvas Mahasattvas e não há Budas também. Então este é um aspecto por vezes perturbador porque, se nós estamos fixados, isso pode parecer até mesmo algo que não faz sentido nenhum. No entanto esse é um ponto de grande importância.